



Aos pés de Santa Rita de Cássia: a construção do turismo religioso em Santa Cruz - RN

Pâmella Batista da Silva Dias¹

Irene de Araújo van den Berg²

Introdução

Esse trabalho surgiu de discussões que vem sendo desenvolvidas há pelo menos três anos no âmbito de projetos de pesquisa, cujos desdobramentos conduziram ao interesse em compreender a dinâmica de espaços religiosos que se projetam como santuários no Rio Grande do Norte. Particularmente, neste artigo, é campo de estudos o Complexo Turístico Alto de Santa Rita, localizado na Cidade de Santa Cruz-RN.

O Rio Grande do Norte tem uma tradição com santuários e roteiros religiosos que datam de bastante tempo, a exemplo do Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, na Serra do Lima, em Patu, do Monte das Graças, com o Santuário de Nossa Senhora das Graças, em Florânia, do Monte do Galo, com Nossa Senhora das Vitórias, em Carnaúba dos Dantas, e, na última década, com os Mártires de Cunhaú e Uruaçu, em Canguaretama e São Gonçalo do Amarante, respectivamente. Além dos roteiros estabelecidos com santuários, o estado conta com um tradicional calendário festivo que enseja grandes festejos e fluxo de peregrinos e freqüentadores. Trata-se das tradicionais festas de padroeiros, que tem nas Festas de Sant'Ana, em Caicó, e Santa Luiza, em Mossoró, os maiores exemplos.

Pouco antes de 2010, quando foi inaugurado o Complexo Turístico Alto de Santa Rita de Cássia, no cume do Monte Carmelo, as referências de devoção à Santa que apadrinha o santuário eram intensas, porém enraizadas na tradição da comunidade local. Santa Cruz era o berço da devoção e seus

¹ Graduada e Especialista em Ciências da Religião (UERN), professora da Rede Municipal de Ensino da Cidade de Natal, integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Fenômeno Religioso(UERN).pamellamel17@yahoo.com.br

² Idem indicação acima.



arredores próximos constituíam o raio de abrangência da piedade do orago. A partir de intenso trabalho de projeção de Santa Rita, especialmente, com a construção da maior imagem católica do mundo, a devoção local ganhou ares mais robustos.

O santuário de Santa Rita, hoje, constitui um dos principais destinos do turismo religioso no Nordeste brasileiro (PORTAL BRASIL, 2015) e, embora recente, sua história e trajetória acumulam conquistas expressivas e projeção célere. Essa rapidez na consolidação de uma piedade particular, tanto quanto a inclusão do monumento dentro do roteiro turístico do Estado fazem desse um santuário com características especiais. Se, em todos os outros santuários do RN, à exceção dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, existe uma longa e tradicional história, com raízes nos marcos tradicionais da devoção e piedade popular, com evolução característica de pequena capela que paulatinamente ganha contornos de santuário, no caso de Santa Rita a história já se inicia com grandiosidade.

No desenvolver do artigo serão analisados aspectos da história e das mudanças que vem ensejando um desenvolvimento na cidade de Santa Cruz a partir da construção da imagem. Antes disso, no entanto, é necessário compreender aspectos importantes ligados às formas de relação com os santos e as dinâmicas contemporâneas de se colocar em deslocamento para os santuários.

Os santos e os santuários

A vida dos santos foi desde muito tempo um importante instrumento da pedagogia católica, pois pelo exemplo a Igreja entendeu ser possível transmitir a fé cristã. As histórias dos santos são contadas desde o cristianismo primitivo e depois de algum tempo foram criados ícones, estátuas e imagens que os retratavam sob diferentes linguagens. Foi também o culto aos santos que ensejou a instituição e importantes lugares de adoração que se desenvolveram transformando cidades em cidades-santuários (AMBRÓSIO, 2006). Antes do fim do primeiro século o termo



“santo” era aplicado somente ao mártir. Foram eles os primeiros santos da Igreja e ainda hoje o martírio é o caminho certo para a canonização.

O homem religioso deseja viver mais perto dessa esfera sagrada procurando se relacionar com a divindade através de um intermediário, que é o santo. Para sanar suas angústias e aflições do cotidiano ele procura o poder dos milagres e a proteção dos santos que tiveram uma vida também cheia de aflição. Andrade (2008, p. 253) relata que “para o devoto, o milagre é como o oxigênio de sua religiosidade. Sem este, o santo definha e morre”. Para que o santo seja efetivamente um escolhido de Deus, ele precisa demonstrar o seu poder realizando as necessidades dos devotos. Existe aí uma relação de troca: o devoto é fiel àquele determinado santo e em troca o santo lhe oferece auxílio e proteção.

Normalmente, o santo se abstém do modelo de vida cotidiana, privando-se, por exemplo, da vida sexual e da família, mas ao mesmo tempo ele também busca satisfazer as necessidades coletivas o que acaba tornando-o um ser de vida intermediária que transita entre o normal e o extraordinário.

Santa Rita de Cássia se localiza nessa condição, pois foi uma mulher, esposa, mãe e religiosa nascida no ano de 1381. Viveu na Itália e teve uma vida voltada para orações e caridade, embora as grandes marcas de sua hagiografia tenham sido o sofrimento e a violência que marcaram as relações familiares. Ela faleceu em um convento onde era monja agostiniana por volta de 1447 a 1457. Sua beatificação ocorreu em 16 de junho de 1628 pelo Papa Urbano VIII e sua canonização em 24 de maio de 1900 pelo Papa Leão XIII. Seu culto espalhou-se especialmente pela Itália, Espanha, Portugal, Filipinas, Estados Unidos e América Latina. Hoje ela é conhecida no Brasil como a Santa das causas impossíveis e goza de uma grande popularidade em todo o país.

As imagens também são parte importante do culto aos santos. Elas atuam na manutenção da lembrança e da vida do santo e trazem marcas indicadoras que estabelecem um elo de ligação entre a vida do santo e sua memória na Igreja e nas causas em que atuam.



As imagens foram inicialmente defendidas por Gregório Magno no período medieval com o objetivo de catequizar e evangelizar os iletrados. Essas imagens eram feitas em duas dimensões e foram adotadas a partir do concílio de Nicéia II. As pinturas eram tidas como a melhor forma de se entender a história de Cristo, dos mártires e da Igreja, pois na época, de instituição das imagens como veículo de catequese a população era quase completamente analfabeta.

Por volta do ano mil foram criados relicários em três dimensões representando a Virgem, um santo, uma santa ou uma parte de seu corpo, depois a estátua desprovida de relíquias começou a ser venerada por si mesma: “ela atrai toda sorte de doentes ávidos de cura milagrosa ou todos aqueles que, curados ou libertados, vêm diante da estátua pagar promessa e dar-lhe oferenda” (SCHMITT, 2007, p.72).

Houve muitas controvérsias na Igreja em torno da questão das imagens e muitos foram contra essa nova forma de culto. Diante de todas as discussões as imagens conseguiram se manter como importante aspecto da tradição cristã e ao longo do tempo elas se fixaram como elementos capazes de fazer a ligação entre o céu e a terra, tornando-se indicio de uma presença sobrenatural evocada pelo fiel.

A imagem de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz, dá continuidade à essa tradição católica com a mediação de imagens, ao mesmo tempo que uma pequena relíquia guardada na capela do santuário confere caráter de maior sacralidade ao espaço e à santa.

Peregrinação e o turismo religioso

A peregrinação, no seu sentido etimológico, está relacionada à jornada de uma pessoa a um lugar sagrado. A palavra peregrinação vem do latim *peregrinatio* significando o ato de peregrinar, a viagem a lugares santos. A palavra peregrino também vem do latim *peregrinus* e designa aquele que peregrina, ao estranho ou estrangeiro (CARNEIRO, 2004).



Na idade média o homem possuía uma religiosidade mais voltada para os gestos e para os ritos que o colocavam em contato com o sobrenatural, sendo assim, a sua forma de se relacionar com o transcendente tinha uma forte carga emocional e o conteúdo teológico era consideravelmente fraco. Diante disso, a forma que os fiéis mais gostavam de praticar a sua fé era a peregrinação. Ao longo do tempo rotas foram se estabelecendo a partir de tradições que associavam alguns locais especiais como espaços referenciados onde o poder divino se manifestava na forma de milagres.

No século XII as pessoas cada vez mais procuravam participar de peregrinações longínquas e faziam isso com a ida a santuários nacionais, além do que esses lugares costumavam ter sempre as “reliquias preciosas” que eram “sinais vivos e palpáveis da presença de Deus, pois elas tinham como função principal fazer milagres” (VAUCHEZ, 1995, p.161).

O conceito de peregrinação está ligado a um caminho de introspecção e busca de um conhecimento pessoal e perpassa diversas religiões.

Para Steil, o termo peregrinação é mais abrangente e alcança as práticas rituais de religiões mundiais como o Judaísmo, o Islã, o Budismo e o Hinduísmo. Alcança também a experiência dos indivíduos que percorrem um caminho interior em busca de autoconhecimento (apud ABUMANSUR, 2012, p. 618).

Entre os cristãos as peregrinações têm dois motivos distintos: o primeiro é a veneração aos lugares santos que podem ser aqueles que Jesus Cristo santificou com a sua presença, o segundo está ligado ao culto dos santos ou de suas relíquias.

A peregrinação é o modo como é possível experimentar um poder especial, das coisas sagradas, e que estão em um patamar diferente das experiências do cotidiano, do dia a dia. Durante muito tempo peregrinar e mais especificamente fazer romaria esteve no campo de uma profunda relação com o sofrimento, entretanto, essa relação vem mudando e com a emergência de aspectos ligados à indústria do turismo, deslocar-se a um santuário não significa necessariamente se expor a situações de penitência. Pelo contrário, cada vez mais essas experiências se alojam na perspectiva do lazer.



Com o fomento do turismo religioso surge a necessidade de oportunizar estruturas, instalações e serviços para acomodação e alimentação, além das oportunidades de lazer que se agregam aos serviços anteriores. Assim, como registra Abumanssur (2013), o turismo religioso é fruto da modernidade e resultado do processo de secularização no qual a religião passa a ocupar de formas diferentes os corações e mentes das pessoas.

A mudança no olhar religioso das pessoas consiste em primeiro grau a uma religião de cunho privado - antes da modernidade ela tinha um caráter público – algo de “foro íntimo”, ou seja, há a redução da vida religiosa e cresce a subjetividade dos indivíduos. Ela atende agora a interesses de pessoas e grupos sociais. Essa flexibilidade permite que as pessoas consigam unir a vivência religiosa com outras situações como o lazer. O segundo ponto consiste numa ressignificação ou uma nova visão das dimensões que compõe a vida social. Assim é possível associar algo religioso voltado para uma lógica de mercado (ABUMANSUR, 2013).

DA SANTA DA CIDADE À CIDADE DA SANTA

Santa Cruz está localizada na região do Trairi e desde o início de sua história despontou como cidade pólo, uma vez que estava no trajeto de ligação do litoral com o Seridó. Desenvolveu-se a partir da agricultura, da pecuária e, especialmente, do comércio. Nas últimas décadas, no entanto, vem se consolidando com nova atividade de referência, a prestação de serviços.

A devoção à Santa Rita na cidade de Santa Cruz se confunde com a história do povoamento do município. No ano de 1820 Santa Cruz foi idealizada pelo Sr. José Rodrigues da Silva, proprietário da Fazenda Cachoeira. Em conjunto com outros dois irmãos que tinham propriedades próximas fundaram um povoado com nome Santa Rita da Cachoeira, pois já traziam do Ceará uma imagem dessa Santa (SANTOS, 2010). Da localidade Cachoeira foi necessário transferir o povoado, posto que lá houvesse



escassez de água. Assim, os irmãos realocam seu projeto de povoamento para as margens do rio Trairi e mantiveram Santa Rita de Cássia como padroeira do local. Surgia, então, a cidade de Santa Cruz.

Como registram Cabral e Silva (2015) desde muito tempo havia interesse em construir em elevação nas redondezas da cidade-sede um monumento capaz de atrair visibilidade ao município. Todavia, o monte era propriedade da Igreja e qualquer investimento lá dependeria de autorização da instituição. Nessa conjuntura, foram articulados interesses da Igreja, do poder público e da comunidade, tanto que foi elaborado projeto de construção de um grande santuário que contaria com investimentos públicos, em terreno da Igreja, que se beneficiaria com a projeção do culto e a administração dos serviços religiosos no santuário e, de não menor importância, a comunidade se beneficiaria com o fluxo de visitantes e teria oportunidades de desenvolver comércio e rede de serviços locais.

A construção levou dois anos para ser concluída e a imagem com 56 metros teve a assessoria do já experiente arquiteto³ e professor da UFPB, Alexandre Azedo. O complexo turístico conta, além da imagem, com uma grande praça, auditório, restaurante, lanchonete, capela e museu, com a exposição dos ex-votos. Existe ainda um amplo estacionamento para ônibus e carros que dá apoio ao santuário. Há poucos meses foram liberados recursos para a construção de um teleférico que deverá agregar ainda maior valor turístico ao Complexo.

A partir de 2010, com a inauguração da maior imagem católica do mundo, a cidade de Santa Cruz passa a ser um grande pólo de peregrinação e visitação de turistas, recebendo romeiros e visitantes de várias partes do Estado e também do Nordeste⁴.

A cidade de Santa Cruz tornou-se então uma referência no que diz respeito às peregrinações e visitasões. Com o movimento de tantas pessoas,

³ Também responsável pelo projeto da imagem de Frei Damião na cidade de Guarabira, na Paraíba.

⁴ A importância do santuário de Santa Rita tomou tal proporção que por muito tempo ficou em local estratégico no saguão do Aeroporto Internacional de Natal, na área de desembarque, uma maquete robusta do santuário com explícito convite ao turista para conhecer aquele monumento. Para efeito de registro, não havia no mesmo aeroporto nenhuma outra “propaganda” alusiva a qualquer monumento do Estado do Rio Grande do Norte.



a cidade também se tornou um centro comercial com muitas lojas, pousadas e restaurantes para abrigar e receber os visitantes. Os dias de maior movimento, segundo relato de um funcionário do santuário, são os finais de semana e os dias de festa da Igreja.

Quando a imagem estava sendo construída e foi inaugurada houve uma grande divulgação, inclusive por parte da mídia. Hoje são feitas excursões, passeios e romarias para conhecer a Santa. Há também um blog da Paróquia de Santa Rita de Cássia e outros sites que falam do santuário e dão mais informações para aqueles que desejam ir à Santa Cruz.

Na gênese da divulgação de um local como destino turístico ou de peregrinação estará sempre um processo cultural, mediante o qual as “atrações” naturais ou culturais existentes no lócus sacralizado serão transformadas em algo que as transcende e que só pode ser entendido por referência(s) ao(s) grupo(s) sociais ao qual se dirige(m) (CARNEIRO, 2004, p.75).

A construção do Santuário como um forte destino turístico religioso em Santa Cruz vem sendo produzido a expensas de um local de milagres, de um orago de poder, afinal, Santa Rita é a intercessora das causas impossíveis. Por outro lado, um intenso calendário e sistemáticos investimentos em programações religiosas para acolher os visitantes têm propiciado a mobilização de grupos de todo o estado e estados vizinhos.

O fluxo de visitantes tem transformado a paisagem econômica da cidade também, pois se estabeleceram instituições de ensino e serviço que tem no horizonte de desenvolvimento do município suas razões de instalação. Nos últimos anos a cidade ampliou sua rede hoteleira e gastronômica, oferecendo serviços e estrutura para o público que acorre à cidade nos finais de semana.

Essa presença de visitantes também interferiu nas relações e na dinâmica dos moradores que abandonaram em parte o hábito de nos finais de semana se deslocar para os sítios e comunidades rurais. Agora, muitos aproveitam para permanecer na cidade, desfrutar de serviços que funcionam nos finais de semana e conhecer pessoas de fora.

Um registro ainda é revelador da importância de Santa Rita para o desenvolvimento de Santa Cruz, pois em cada rua da cidade é possível



encontrar estabelecimentos que conferem em suas placas o sinal da identidade com a Santa, assim encontramos a Padaria Santa Rita, Mercadinho Santa Rita, Borracharia Santa Rita e tantos mais que se proliferam dia-a-dia. Com isso, de Santa da cidade, Santa Rita passa a ser marca importante de uma identidade que vem se construindo numa intensa relação da piedade e da economia transformando Santa Cruz na Cidade da Santa.

Considerações finais

O santuário de Santa Rita de Cássia formou um novo pólo turístico no Rio Grande do Norte trazendo para a cidade de Santa Cruz pessoas de todas as regiões do Estado e também do Nordeste. A construção da imagem modificou significativamente o cotidiano da cidade, bem como sua economia. O turismo trouxe um novo padrão para os moradores que agora também se envolvem nas atividades relacionadas ao santuário, especialmente nos fins de semana e nos dias festivos.

A imagem teve e tem um papel fundamental para religiosidade católica. Os santos fazem o intermédio entre Deus e os homens e estar em contato com uma imagem é o mesmo que estar em contato com o santo e com Deus. Os santuários são os locais que as pessoas buscam para sair da rotina e entrar em sintonia com o transcendente especialmente quando passam por momentos difíceis. A prova dos milagres são expostos para que sempre haja mais devotos e aconteça a manutenção da fé, o reviver da experiência. A história e vida do santo faz despertar nos peregrinos e romeiros a vontade de estar mais perto de Deus e de continuar a pedir sua intercessão mantendo assim o lugar como de realização de milagres.



Referências

- ABUMANSUR, Edin Sued. Ciência da Religião aplicada ao turismo. In: PASSOS, João Décio et all. *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 615-625.
- AMBRÓSIO, Vitor. *O turismo religioso: desenvolvimento das Cidades-Santuário*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia e Planejamento Regional. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2006
- ANDRADE, Solange Ramos de. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. *Projeto História*, São Paulo, n. 37, p. 237-260, dezembro de 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3054>. Acesso em: 6 de novembro de 2013.
- CABRAL, Newton Darwin de Andrade. SILVA, Cícero Williams da. A devoção a Santa Rita de Cassia em Santa Cruz – Rio Grande do Norte. *Revista Paralellus*. Recife: UNICAP. V.6, n.12, p.251-264, jan/jun.2015.
- CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas Peregrinações Brasileiras e suas Interfaces com o Turismo. *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 6, n. 6, p. 71-100, outubro de 2004. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/viewFile/2267/972>. Acesso em: 17 de setembro de 2013.
- PORTAL BRASIL. Viagens motivadas pela fé mobilizam cerca de 18 milhões de pessoas. *Portal Brasil*. 27.01.2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/01/viagens-motivadas-pela-fe-mobilizam-cerca%20de-18-milhoes-de-pessoas>. Acesso em Junho/2015.
- SANTOS, Edgar. *Santa Cruz: nossa história, nossa gente*. Santa Cruz: Supercópia, 2010.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. São Paulo. EDUSC, 2007.
- STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e Turistas no Santuário de bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832003000200013&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de setembro de 2013.



VAUCHEZ, André. A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: Século VIII ao XIII. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1995.

WESCHENFELDER, Celina H. Santa Rita de Cássia: Biografia e orações. 3 Ed. São Paulo. Ed. Paulinas, 2012.